

Jornal do Commercio
19/04/2004

MAPA DA FOME

**Ações diferenciadas
para combater a
miséria nas cidades**

RIO DE JANEIRO

Dicas de Português

DAD SQUARISI

dad@correioweb.com.br

Recado

O estilo, como as unhas, é mais fácil de manter brilhante do que limpo.

Eugênio D'Ors

É lei

Em São Paulo, Ricardo Berzoini lançava a campanha da carteira assinada. Dirigia-se a empresários, sindicalistas e trabalhadores. Professoral, falava que falava. Citava políticas públicas, criticava o valor do salário-família, elo-gianava o governo.

O entusiasmo crescia. O descontento também. Sem descon-fômetro, o ministro lembrou a "criação de novos em-pregos formais". E referiu o "artigo 7º, parágrafo 12º da Constituição Federal".

Arrepiou geral. O pélo dos presentes parecia o de gato assu-tado. Nem um ficou detidamente. Alguns, mais sensíveis, senti-ram dor de ouvido. A otite era o resultado de duas agressões.

A PRIMEIRA

Uma delas é um senhor pleonasmato. Criação só pode ser de novo. Se não forem novos, criação não é. Sem redun-dância, a frase fica enxutinha: criação de empregos for-mais. Que tal?

A SEGUNDA

A outra se refere aos numerais. A pronúncia dos dan-di-nhos em textos legais obedece a regras. Até nove, usa-se o ordinal. De dez em diante, o cardinal: artigo 1º, artigo 9º, pa-rágrafo 3º, parágrafo 8º; artigo 10, artigo 41, parágrafo 13.

É isso. O ministro teria poupado o ouvido e o bolso dos ouvintes se tivesse dito "artigo 7º, parágrafo 12". Agora é tarde. Na indústria das indenizações, Berzoini corre sério risco. Há quem fale em recorrer aos tribunais para ganhar um dinheirinho. Por perdas e danos.

XIS DA QUESTÃO

Ninguém pode ignorar a lei. Nem a forma de escrever o texto que manda em todos nós. Atenção ao emprego da vírgula. As vezes, o sinal aparece. Outras vezes, nem dá as caras.

O xis da questão é a referência. Se ela obedecer à ordem crescente (do menor por maior), a vírgula não tem vez. Caso contrário, é presença obrigatória.

Inciso II do parágrafo 3º do artigo 5º da Constituição Constitucional Federal, art. 5º, parágrafo 3º, inciso II. Olhe o xilindrô! Misturar é proibido. Siga do começo ao fim a ordem crescente ou a decrescente.

AS CABEÇAS DA HIDRA

A polícia matou Lulu. O comércio de drogas na Rocinha vai acabar? Nem pensar. Há uma fila de candidatos ao posto de chefe do tráfico na favela. É a cabeça da hidra.

A expressão vem da Grécia. A hidra tinha corpo de dra-gão. E nove cabeças de cobras venenosas. Pior: exalava um fedor que ninguém suportava. Era como se mil milio-ões soltasse pum ao mesmo tempo numa sala fechada.

Só havia um jeito de acabar com a monstra cortor-lhe as cabeças. Mas ninguém conseguia. Mal lhe extirpavam uma, ela crescia outra vez. E espalhava mais fetidez. To-dos fugiam de perto.

Matar a fera foi um dos doze trabalhos de Hércules. O herói descobriu que o fogo era a solução. Havia uma floresta ao lado do esconderijo do bicho feio. Hércules pediu ao amigo lolau que pusesse fogo em tudo. Cada vez que cortava uma cabeça, queimava a ferida com a árvore em chamas. As cabeças morreram. A hidra também.

LÁ E CÁ

Não duvide. Infra-estrutura se escreve assim. Com hí-fen. O prefixo infra- pede tracinho quando seguido de vogal, h, r e s (infra-ocular, infra-humano, infra-regimental, infra-som). Nos demais casos, é tudo coladinho. As duas palavras parecem recém-casadas: infraconstitucional, in-fravermelho, infradotado.

VAQUINHA DE PRESEPIO

Vamos atender as milhões de famílias, disse Lula em discurso inflamado. Ninguém acreditou. Por quê? Milhão é palavra masculina. Artigos, adjetivos e numerais não têm saída. Vaquinhos de presepio, vão atrás. Concordam com milhão em gênero e número: Vamos atender os milhões de famílias. O gover-no quer criar um milhão de empregos no campo. Falou em abordar dois milhões de crianças desnutridas.

LEITOR PERGUNTA

Há pessoas que vivem só? Ou vivem só?

Maria Elka Smith, Florianópolis

Só, só fraco, equivale a sozinho. É adjetivo. Concorda com o nome a que se refere: Eu vivo só (sozinho). Nós vi-vemos só (sozinhas). Eles vivem só (sozinhos). Há pes-soas que vivem só (sozinhas).

PREVISÃO DO TEMPO

O INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (Inmet) pre-ve para este domingo, no Rio, tempo claro, com dia ensolarado. A temperatura estará elevada, com máxima estimada em 34 graus, e mínima, em 23. A direção dos ventos será Norte-Sudeste, e a intensidade variará de fraca a moderada. Para esta segun-da-feira, a previsão do Inmet também é de tempo claro. A tem-perature será ligeira queda, ficando com máxima estimada em 34 graus, e mínima, em 18. Os ventos estarão na direção Nor-te, de fracos a moderados.

MAPA DA FOME Há quem alcance renda 3 vezes maior que a média

Microempresários, os privilegiados da Rocinha

MARCIO BECK

N a mesma favela em que traficantes disputam a bala pontos de venda de drogas, apenas 10,74% dos domicílios têm co-leta de lixo e 21,89% dos mora-dores são considerados miserá-veis, há um pequeno grupo que consegue ganhar em média R\$ 1,5 mil, mais de três vezes a renda per capita mé-dia do subdistrito: são os microempresá-rios da Rocinha, que não tiram férias e raramente descansam no fim de sema-na. Apesar de não revelar a quantidade exata deles, o Mapa do Fim da Fome, elaborado pela Fundação Getúlio Var-gas (FGV) mostra que os empregadores e trabalhadores por conta própria so-mam 3.550 pessoas, 6,3% dos 56.307 habitantes da comunidade.

A maior parte do grupo de microem-presários, segundo o mapa, é composta por homens: são 54,1% contra 45,9% de mulheres. Estão mais concentrados na faixa de 26 a 50 anos, são casados ou vi-vem com alguém, têm em média três fi-lhos e moram em imóvel próprio. O ní-vel de educação, contudo, é baixo. Mes-mo havendo pequenas parcelas com 2º grau completo (4,1%) e até com curso superior (4,8%), predominam os mi-croempresários que têm apenas o 1º grau completo (53,75%) e os analfabetos (11,81%).

Se a figura do morador da favela co-mo dono de um armazém, bar, treiler ou bicosca é um conhecido clichê, ele tem razão de ser, segundo o estudo da FGV. Juntos, os pequenos estabeleci-mentos de venda de alimentos e bebi-das representam quase metade dos negócios existentes na favela. A dedi-cação à atividade é quase exclusiva - 12,5% têm um trabalho extra. E intensa: 94,7% dos microempresários dis-pensam as férias e trabalham durante os 12 meses do ano. Só um em cada dez descansa nos dois dias do fim de semana.

Tanto esforço tem sua compensação para os integrantes deste microsistema dentro de uma das áreas mais pobres do Rio. Não chegam a alcançar o status de ricos, mas quase 60% deles ganham acima dos R\$ 433 obtidos, em média, pelo restante da população. Um terço ultrapassa o patamar dos R\$ 1 mil, apro-ximadamente o equivalente aos rendi-mentos dos habitantes de Niterói, pri-meiro colocado no ranking da renda média dos municípios.

Como o bolo é pequeno, a divisão

MEDIDAS DA MISÉRIA

Na cidade do Rio de Janeiro

5.798.361

População da cidade do Rio de Janeiro

844.821

População miserável

*Miseráveis precisam receber R\$ 40,41 por mês para pagar um aluguel

PERFIL DOS MICROEMPRESÁRIOS DA ROCINHA

- 54,1% são homens
70,23% estão na faixa dos 26 aos 50 anos
65,4% são casados ou têm união livre
80,1% têm filhos
82,68% moram em imóvel próprio

PROPORÇÃO DE MISERÁVEIS POR SUBDISTRITO

Table with 2 columns: Subdistrito and Porcentagem. Includes Camp. do Alemão (29,4%), Santa Cruz (27,63%), Jacarezinho (27,54%), Guaratiba (26,93%), etc.

MAIORES RENDAS MÉDIAS POR MUNICÍPIO

Table with 2 columns: Município and Renda Média. Includes Niterói (R\$ 1.225,69), Rio de Janeiro (R\$ 994,49), Macaé (R\$ 747,87), etc.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística



78,37% têm apenas até o primeiro grau
66,87% pertencem à faixa de renda familiar até R\$ 1 mil
33% são biscateiros ou dedicam-se à prod. doméstica
43,8% são pequenos ou microproprietários
14,63% são autônomos

ANOS MÉDIOS DE ESTUDO

Table with 2 columns: Município and Anos Médios de Estudo. Includes Niterói (7,92), Rio de Janeiro (6,87), Nilópolis (6,14), etc.

MENORES RENDAS MÉDIAS POR MUNICÍPIO

Table with 2 columns: Município and Renda Média. Includes Laje do Muraié (R\$ 300,56), São Sebastião do Alto (R\$ 302,49), Triunfo de Morais (R\$ 313,39), etc.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

costuma ficar em família, que também auxilia nas tarefas, na maioria dos casos (76,82%). Dois em cada dez têm um ou dois funcionários extras, quase sempre como empregados fixos; con-tratações temporárias são raras. Os jo-vens, pessoas na faixa de 25 a 35 anos, somam 54,44% do total. Para os pes-quisadores, a análise "revela a impor-tância do trabalho dos cônjuges e dos filhos, evidenciando a importância do chamado capital social representado através da família na operação desses empreendimentos".

Contestando os dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Esta-

tística, as associações de moradores da Rocinha calculam o número de mora-dores em cerca de 200 mil. Duas emi-soras de rádio comunitárias - a Rádio Katana FM e a Rádio Rocinha - e três jornais - Correio Zona Sul, O Katana e O Noticiário - formam a imprensa lo-cal. Estimativas da Associação Com-ercial da Rocinha dão conta de que há 2.500 estabelecimentos comerciais na favela, entre os quais se destacam dois supermercados da Rede Mundo Novo, três casas de shows, laboratórios foto-gráficos, lojas de eletrodomésticos, academias de ginástica, restaurantes, papelerias e lojas de CDs.

CAMPANHA Vereadores vão para as ruas e esquecem o plenário

Antecipação do período eleitoral

JULIANA ENNES

Em ano eleitoral, a Câmara Municipal do Rio funcio-na em ritmo lento. Apesar de a legislação determinar que os trabalhos para a cam-panha política comecem so-mente a partir de 3 de julho, desde o início do ano legisla-tivo de 2004 é comum não haver votação de projetos por falta de quorum. Os líde-res do Governo e da oposi-ção concordam quanto aos motivos desse esvaziamen-to: início prematuro das campanhas eleitorais.

Segundo Alexandre Cer-ruiti, líder do PFL, "os trabalhos este ano não têm sido muito produtivos". Ele disse que já "esperava que a campanha atrapalhasse as votações a partir do recesso do meio do ano, em julho. Mas não des-de março, como aconteceu, estranha".

Para Adilson Pires, líder do PT na Casa, "o ano eleitoral é um ano atípico". O vereador disse que é comum que haja inversão no papel do Poder Legislativo, em anos eleitorais.

Em votas de conseguir mais votos, alguns vereadores participam da programa-ção de obras, por exemplo, o que é papel do Executivo. Isso dá maior visibilidade diante da população do que executar um bom trabalho



Esperava que a campanha atrapalhasse as votações a partir de julho, mas não desde março.

Alexandre Cerruti.

legislativo, que é nosso pa-pel - comenta Adilson.

O petista chegou a citar Rosa Fernandes (PFL), muito votada nas últimas eleições e que participou ativamente de obras quando Luiz Paulo Conde era prefeito. Rosa afirma que é natural. "Se fazer campanha é ficar na rua, jun-to à comunidade, então eu faço campanha o ano inteiro. Mas acho que não é possível representar um segmento sem saber suas reais neces-sidades", afirma. Ela diz ainda que, muitas vezes, os vereá-dores estão na Casa, mas não descem ao Plenário por verem que está vazio.

Apesar do ano atípico, al-guns projetos de grande im-portância foram elaborados e votados. Além disso, Co-

missões Parlamentares de Inquérito (CPIs) polêmicas estão em andamento.

O primeiro projeto a ser votado e aprovado, este ano, foi a redução do imposto sobre Serviços (ISS) de 5% para 2%, para empresas admini-stradoras de recursos de ter-ceiros e para autônomos.

O veto ao projeto que obri-ga terminais eletrônicos 24 horas que efetuem saque de valores e se instalarem so-mente no interior de estabe-lecimentos comerciais cons-tantemente vigiados foi der-ruído. Assim como o projeto que obriga mercados e co-mércio em geral a utilizarem embalagens de papel recicla-do, no invés das de plástico.

A Câmara derrubou tam-bém o veto ao projeto que

obriga a especificação da quantidade de calorias nos cardápios de bares e restau-rantes. E o projeto, de 2000, que acaba com as diárias pa-ra taxistas auxiliares, consi-derado, há duas semanas, constitucional pelo STF, po-de ser substituído por um dos projetos elaborados por Alberto Salles (PDE) e Alexander Cerruti (PFL), que mantém as diárias e dão per-missão para quem está no ramo há mais de cinco anos.

Há oito CPIs em andamen-to. A que já tem suas investi-gações mais adiantadas é a que apura irregularidades em contratos entre federações esportivas e a Secretaria Mu-nicipal de Esportes e Lazer. A investigação sobre modifi-cações urbanísticas realizadas em desrespeito à legislação em vigor já teve início, mas falta dar continuidade. A CPI para apurar a legali-dade dos critérios adotados pela Secretaria Municipal das Culturas na criação de Áreas de Preservação de Ambiente Cultural (Apac) foi interrom-pida e necessita prosseguir. E as investigações sobre brecos depósitos da CET-Rio e esta-cionamentos públicos, óbi-tos por falta de medicamen-tos na rede municipal, trágica na Vila Cruzeiro (quando cinco pessoas morreram de-vendo a desabamento.